



CORRIDA TECNOLÓGICA

Na primeira visita de um pontífice à França em duas décadas, Leão XIV é aclamado por uma multidão de fiéis nas ruas de Paris, discursa sobre os dilemas éticos do desenvolvimento científico e faz vigília de oração com milhares de jovens

Papa reforça alerta sobre perigos da IA

Julien de Rosa/AFP



O pontífice na vigília com 80 mil jovens no mítico Stade de France, no subúrbio da capital: recepção de popstar



Se quisermos evitar perder nossa humanidade em meio a um 'paraíso de máquinas' que invade e condiciona nossa vida cotidiana, há uma necessidade urgente de educação para o discernimento ético"



Estou preocupado com essas tendências da sociedade que correm o risco de transformar a ciência e a tecnologia em empreendimentos movidos pelo lucro"

Papa Leão XIV

Popstar

Além de visitar a sede da Unesco, Leão XIV celebrou uma oração vespertina na catedral de Notre-Dame, tornando-se o primeiro papa a inspecionar sua reconstrução após o devastador incêndio de 2019 e a celebrar seu "esplendor". Mas o primeiro dia em Paris teve como ponto alto uma vigília de orações com cerca de 80 mil jovens entre 17 e 35 anos, no mítico Stade de France, em Saint-Denis, subúrbio ao norte da capital. O entusiasmo

dos fiéis foi comparado por meios de imprensa ao despertado pelas apresentações de popstars. "Nesta era em que estamos centrados em nós mesmos, ele nos diz que não devemos esquecer de olhar para os outros", disse à agência de notícias France-Presse (AFP) a enfermeira Coralie Cece, de 33 anos, que pediu um dia de folga para poder "ouvir o papa de perto". "A mensagem dele é muito importante para mim."

Cerca de 15 mil policiais e gendarmes foram mobilizados para a segurança do

pontífice nas três etapas da visita. Hoje, ele celebra missa campal na turística Champs-Élysées, no coração de Paris. A expectativa é de que compareçam até 600 mil fiéis. Da capital, Leão XIV segue amanhã para Lourdes, cujo santuário é destino de peregrinação para católicos e outros cristãos de todo o mundo. Lá, terá reunião reservada com vítimas de agressões sexuais na Igreja. Segunda-feira, em Metz, o roteiro termina com um discurso sobre a paz e a União Europeia.

Foto suspeita nas redes de Trump

Uma foto publicada por Donald Trump, tirada na recepção ao presidente da China, Xi Jinping, foi colocada ontem sob suspeita de ter sido retocada com inteligência artificial (IA). A imagem, registrada no desembarque do visitante na base aérea de Andrews, mostra o presidente dos Estados Unidos usando uma gravata azul e uma única luva preta, enquanto outras fotos e vídeos tomados ao vivo mostravam o anfitrião usando gravata listrada e luvas nas duas mãos. Uma mulher, em segundo plano, aparece usando sapatos diferentes, e uma marca vermelha no avião do líder chinês desapareceu na versão postada por Trump.

As contradições foram corroboradas por especialistas consultados pela agência de notícias France-Presse. "Visto que existem várias versões da cena, estou certo de que essa imagem foi retocada", disse à AFP Walter Scheirer, da Universidade de Notre Dame. Até a noite de ontem, a Casa Branca não havia respondido aos questionamentos da agência. Em sua plataforma, a Truth Social, Trump publica regularmente imagens geradas por IA. Após viajar para Pequim, em maio, para uma cúpula com Xi, Trump postou uma imagem retocada na qual seu antecessor e adversário, Joe Biden, parecia desorientado diante do presidente chinês

"Os políticos alteram regularmente a realidade ao seu bel-prazer", disse o especialista da Notre Dame. "Às vezes, esses retoques são insignificantes", pondera. "Mas, em outros casos, a interpretação da foto muda por completo, ao ponto de parecer mais uma peça de propaganda".

A imagem agora sob questionamento foi postada em um momento em que o governo tentou proibir o acesso à Casa Branca de jornalistas das emissoras CNN e MSNOW e do site de notícias Politico. Sua expulsão levou os demais membros do pool de jornalistas televisivos da Casa Branca — correspondentes das redes CBS, ABC, NBC e Fox — a decidirem parar de participar desse dispositivo crucial, em uma demonstração inédita de solidariedade.

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

SEMANAS DECISIVAS NA FRENTE EXTERNA

A contagem regressiva para as eleições do próximo domingo se projeta da disputa pelo Planalto para um cenário igualmente incerto e desafiador na frente externa. O enredo ganhou cores vivas na abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas, e não apenas pelo contraste gritante entre os discursos do presidente Lula e de Donald Trump. À margem do encontro anual de debates da ONU, o presidente dos EUA formalizou seu Escudo das Américas, iniciativa para a qual atraiu mais de uma dezena de países latino-americanos em torno do combate conjunto ao crime organizado e outras ameaças percebidas por Washington. Na ocasião, 14 governos aprovaram a classificação formal de facções brasileiras como "organizações terroristas internacionais". Nesse grupo estão Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru e Colômbia, todos nossos "vizinhos de porta".

Mais do que alguma eventual ameaça no curto prazo, esse cenário ilustra o cerco tecido por Trump e seu secretário de Estado,

Marco Rubio, àquele que é hoje o último "troféu" cobiçado pela Casa Branca na região que volta a ser tratada como "quintal", depois de ter arquitetado vitórias em série de seus aliados. Os cinco países fronteiriços ao Brasil são exemplos, ao lado do Chile, hoje governado por um saudosista confesso da ditadura do general Augusto Pinochet. No horizonte mais próximo, as projeções por aqui apontam para um segundo turno acirrado, três domingos depois, entre Lula e Flávio Bolsonaro, o favorito declarado da Casa Branca. O precedente de 2022 dá razão aos receios de que se repitam os acontecimentos que culminaram com o 8 de janeiro de 2023. Com a diferença de que, há quatro anos, o presidente dos EUA era Joe Biden, que avalizou prontamente a vitória do hoje candidato à reeleição.

Lá como cá

Coincidência ou não, 10 dias depois do

tira-teima pelo Planalto — salvo uma imprevista decisão em turno único — serão os estadunidenses que irão às urnas para renovar a Câmara (inteira) e o Senado (parcialmente). Como fez questão de frisar na Assembleia Geral, Trump não estará nas cédulas. Mas seu futuro político estará em jogo, e, assim como aqui, as projeções indicam uma chegada cabeça-a-cabeça. A oposição democrata aposta em reconquistar ambas as casas e, com isso, tomar de assalto a agenda de Washington, o que transformaria o presidente no que o jargão político dos EUA chama de "pato manco" — um governante sem pernas para governar de fato. Sintomaticamente, um grupo de congressistas da ala mais "liberal" (termo que equivale, por lá, a "esquerdista") decidiu questionar publicamente a interferência de Trump e Rubio nas eleições brasileiras.

Igualmente sintomático: quando Lula encerrou sua fala na sede da ONU, a delegação estadunidense não deu um único aplauso.

Guantanamo

Se faltaram da parte dos anfitriões, não faltaram aplausos para o presidente por parte da delegação que, momentos mais tarde, se levantaria e sairia do salão durante a fala de Trump. Os representantes de Cuba escancararam o protesto quando ouviram a ilha ser chamada de "Estado falido", além do vaticínio de que o regime "vai cair". A diplomacia cubana agradeceu, alto e bom som, a condenação do Brasil ao cerco energético imposto ao país pelos EUA, desde o início do ano, assim como a denúncia de que mesmo a ajuda humanitária enviada do exterior está barrada — não apenas pelo bloqueio naval, mas pela ameaça de sanções às empresas marítimas que a transportem para Havana.

Pulou a cerca?

O mapa político latino-americano, em particular da América do Sul, ganhou em Nova York mais um território firme para a Casa Branca, e logo naquele que parecia o

osso mais duro de roer: a Venezuela chavista. Até janeiro, quando uma operação militar fulminante em Caracas resultou na captura e sequestro do presidente Nicolás Maduro. A vice, Delcy Rodríguez, assumiu como interina e, de início, jurou lealdade ao titular e ao ideário bolivariano, mas ao longo dos meses foi enfileirando concessões a Washington, culminando no acordo recém-assinado que dá a petroleiras norte-americanas prioridade na exploração de reservas avaliadas em 65 bilhões de barris.

Antes de discursar na Assembleia Geral, Delcy foi recebida por Trump e posou sorridente para os registros visuais do encontro. Na sede da ONU, sequer mencionou o nome de Maduro, muito menos sua condição de réu e prisioneiro — não muito longe do imponente edifício das Nações Unidas.

Nos círculos políticos de esquerda, as desconfianças se cristalizaram na quase certeza de que a presidente interina pulou a cerca. Ou, no mínimo, como definiu a afiada linguagem gauchesca de Leonel Brizola, segue, perigosamente, "costeando o alambrado".